



SERMÃO

QUE PREGOVO P.

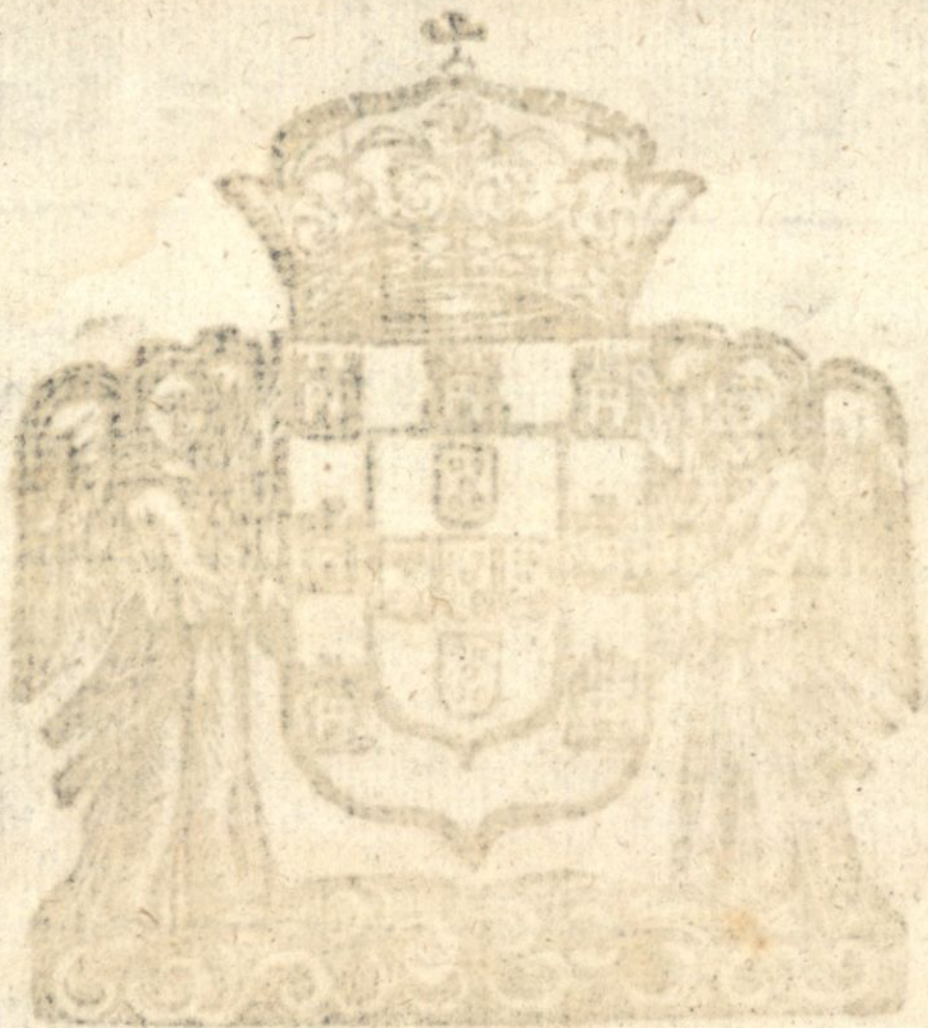
FR. MANOEL DAS CHAGAS,
Religioso da sagrada Ordem de N. Senhora do Carmo
no seu Conuento em o dia da Acclamação de S.
Magestade por Rey, & Restauração do Rey-
no. 1. de Dezembro do anno de 1658.

O F F E R E C I D O

Ao muito Reuerendo Padre Presentado Frey
HENRIQUE DE NORONHA,
Prouincial da Ordem de N. Senhora do Carmo.

PELLO CAPITAM ANTONIO DE GUSMAN
Sobrinho do Prégador.

Em LISBOA. *Com todas as licenças necessarias.*
Na Officina de Henrique Valente de Oliveira. An. 1659.



SE R M A O

QUE PREGOV O P.

PT. MANOEL DAS CHAGAS

Regente do grande Ordem de N. S. dos Reis de Camo

to do Comendo em o dia de Assumção de S.

Miguel de por Rey & Restauração de Rey

no. 1. de Dezembro do anno de 1658.

O F E R E C I D O

As suas Realzadas Patentes Realzadas Rey

HENRIQUE DE NORONHA

Tribuna da Ordem de N. S. dos Reis de Camo.

PELO CAPITAN ANTONIO DE GAMA

devidos de Realzadas.

Em Lisboa. Custodes de licenças e registos.
Na Officina de Henrique Valente de Oliveira. An. 1659.



DEDICATORIA.

294



Aõ assistio V. P. a este
Sermão pella occupa-
ção de sua visita. Ago-
ra elle assiste a V. P.
para que o visite com seu favor,
em quem enxergo dous motiuos,
bem como aquelles dous Cherubins
que com suas azas emparauão a
Arca. He o primeiro o resplendor
dos illustres Noronhas, que sem-
pre neste Reyno se assinalaraõ, assi
na paz com gouerno, como na guer-
ra com armas, de que resulta a
grandeza de fauorecer quem os
busca, e lograr a boa sombra que
se chega a tam boa aruore. He o
segundo, o ser V. P. Prelado desta
A2 Pro-

40
Prouincia, que tantos annos ha o
desejava por seu Prouincial, o que
agora logra cõ os applausos de sua
prudencia, & benignidade: aos
quaes ambos acrece hum terceiro
titulo de ser V. P. o Messenas desta
obra, se bẽ piquena no papel, gran-
diosa no assunto, por que parece foy
hũ prognostico da insigne victoria
do campo de Eluas, de tudo isto re-
sulta hũa grãdiosa semelhança cõ
outro Henrique nosso Serenissimo
Rey, o qual nos dous Titulos de Car-
deal, & Arçobispo acrecentou o de
lograr a Real Coroa, como entam-
the cantou hum Poeta:

Multis Henrici fulget diade-
ma coronis.

*Sicut turris David collum tuum,
 quae edificata est cum propug-
 naculis. Cant. 4.*



PARA esta solemnidade, & acção de graças pella liberdade deste Reyno, & nossas felicidades, me vali destas palauras tiradas do capitulo quarto dos Cantares, aonde o Esposo sancto compara a garganta da Esposa a hũa torre fortificada com muitos baluartes, da qual estão pendurados mil escudos. Achei aqui hũa representação expressa da nossa Monarchia; porque a garganta he o lugar aonde se traz o colar de escrauo, & se poem o jugo da sojeição; pois este colar quebrado, & este jugo sacudido, faz hoje de zoito annos, tam lōge está de se sojeitar outra vez, q̄ se defende como hũa torre: *Sicut turris David collū tuum*; estes baluartes são as fortificaçoens, torres, castellos, & fortes com que está o Reyno fortificado, assi pella parte do mar, como da terra, *cum propugnaculis*; os escudos são os peitos valerosos, & animos alentados, que a defendem, *mille clipei pendent ex ea*. Porém os Doutores sagrados daõ outra explicação a esta torre, dizendo ser a Virgem sanctissima Senhora nossa, inuocandoa como tal, *Turris Davidica*; os baluartes, & escudos, dizem ser o emparo, & fauores que della recebemos; pois destes escudos começamos de nos emparar com o primeiro, que he o fa-

nor da diuina graça que por seu meio se intenta pa-
ra o Sermão. AVE MARIA.

Quando vejo ser a garganta a officina de agrade-
cimento, segundo aquillo, *Exaltationes Dei in gutture*
Ps. 149 *corum;* & a torre ser o lugar onde o q̄ se possuiue com
segurança se logra, venho a me resolver, que os bens
entam se lograõ quando se agradecem; fundome
tambem no q̄ diz S. Ioaõ Chrysoftomo: *Optima bene-*
ficiarũ ipsa memoria est, & perpetua cõfessio gratiarum
super Matth. 25. o q̄ me declara aquelle theatro onde
estaõ vinte & quatro Principes coroados cõ coroas
de ouro, & depois as arrojão diante do throno do
Senhor, aonde o texto lhe chama suas: *Mitebant co-*
Apoc. 4 *ronas suas ante thronum:* aonde faz pontaria minha
confideração he, aquella palavra, *suas*, como he pos-
siue l, q̄ quando as tem sobre suas cabeças, não se diz
ferem suas, senão quando as tẽ tiradas, & postradas?
pois em verdade, que o vosso chapeo mais he voss o
quãdo o tendes na cabeça, do q̄ quando està lançado
em terra; q̄ razão ha logo para q̄ aquella palavra,
suas, se diga quando estaõ fóra da cabeça? dà hũ mo-
derno douto a resposta, dizendo, q̄ aquellas coroas se
lançauão por terra para mostrar agradecimento, pois
quãdo erão coroas agradecidas forão suas, *Mitebant*
coronas suas: Tunc fiunt diademata propria, quando gra-
tulationis instrumenta; & pello contrario quando de
hum bẽ falta o agradecimento, falta a posse. Viose is-
to manifestamente claro na expulsaõ de nossos pri-
meiros pays do Paraizo, bem, q̄ por tam pequeno es-
paço possuirão, q̄ magoa os animos ver tam grandes
Principes lograrem tam pouco a Monarchia, & tam
breue espaço a felicidade; dà disto a razão o Abbade
Ruperto, dizendo q̄ não soberão agradecem com as

lingoas hũ beneficio de tanta grandeza : *Taciturna*
ingratitude occupavit locum: perca pois a posse quẽ
 não soube conhecer a graça: não assi a Esposa, tinha
 occupada sua garganta em muitas vezes agradecer
 os beneficios, que do sancto Esposo recebêra, como
 consta das musicas em os tres capitulos antecedêtes,
 pois saiba lograr como em torre, quẽ soube com sua
 garganta render graças; *Sicut turris David collum tuũ,*
 q̃ os bens entam se logrão quando se agradecem.

Este desenho tem hoje nosso Portugal em se mo-
 strar agradecido, para mostrar segnança aos benefi-
 cios q̃ logra, & vir inda a lograr muitos maiores, o q̃
 não sómente he obrigação, senão imitação; fallo assi
 porq̃ o Serenissimo Rey D. Afonso Henriques, quã-
 do nosso Reyno se recolhia nos breucs limites, &
 contorno da villa de Guimaraes, fez para dilatar seu
 Reyno, hũ a procissaõ; foi elle nella, & ella dirigida á
 Igreja de N. Senhora da Oliueira Matriz daquelle
 lugar, ajoelhado elle diante da imagem da Virgẽ sã-
 ctissima, tirou da cinta a espada, & a pos sobre seu al-
 tar, querendo q̃ primeiro fosse prenda, q̃ se lhe offe-
 recesse, do q̃ espada, q̃ cortasse; assi o conta Estaço de
 antiquit. Lusitaniae pag. 94, O Padre Vasconcellos
 na sua Anacefalcosis, vida del Rey D. Afonso, & ou-
 tros, foi tam bem recebida da Virgem S. N. esta offer-
 ta, & lhe deu tam grande mão direita, não sò para si,
 senão para seus Capitaes, & soldados, q̃ logo come-
 çaraõ a ser, não digo eu *duo fulmina belli*, como disse
 o Poeta, senão *multa fulmina belli*, porq̃ enuestindo
 com os Mouros, q̃ occupauão este Reyno, de tal ma-
 neira auançou seus lugares, torres, & castellos, q̃ os
 fez retirar atè as prayas de nosso occidente; & logo
 recolhidos cõ seus sinco Reys no Cãpo de Ourique

4
alcançou delles gloriosa victoria, & triumpho, até os
encantoar no certo de sua Mauritania, *multa fulmi-
na belli*. Retrato deste Rey Afonso I. vemos hoje no
Serenissimo Rey D. Afonso VI. faz hoje procissão a
esta casa, da Virgē sanctissima, senão por sua pessoa,
pella de seus vassallos, o Reuerēdo Cabido, o Senado
da Camara, cō a mais nobreza, o Clero, os Religio-
sos, o pouo, todos com suas gargantas feitos instru-
mentos de louvores, entoando com ellas Psalmos,
Hymnos, Canticos, Musicas, & instrumētos musicos,
para q̄ a vista deste agradecimento se perpetue sua
posse, não sendo ja mais garganta, q̄ se sojeite, senão
torre, q̄ valerosamente se defenda, *Sicut turris David
collum tuum;*

Cum propugnaculis.

O estar esta torre rodeada de baluartes, não sō que-
ro entender pellas fortificaçoēs de nosso Reyno cō-
tra todas as partes, q̄ o pōdē offender, assi pello mar,
como pella terra, como consideraua o Poeta: *Portus
ve, aut propugnacula belli*, senão por outros baluartes
de maior força spiritual, q̄ saō os Sanctos naturais de
nosso Reyno, os quaes lá no Ceo estaō intercedēdo
por nossa defenſaō, & augmento, qual outra Ester
Dona mihi populum meum pro quo obsecro; porq̄ o affe-
cto natural da patria sempre conserva a lembrança
de seus naturaes; o q̄ prouo com o q̄ o Senhor IESV
obrou tanto q̄ esteue no Ceo, & foi q̄ sentado à mão
direita do Pay Eterno, despede dous Embaixadores
a visitar seus Apostolos; & como começou a embai-
xada: *Viri Galilei quid statis aspiciētes in caelū.* Agora
pregunto assi, estes Apostolos não tinham outros no-
mes mais autorizados? não crão Apostolos de Chri-

Enei. 4

Mat. 1.

no. 1. 1. 1.

+ A

sto,

sto, Discipulos, Pontifices, & Principes da Igreja? pois
 porq se lhes vai buscar o nome de Varões de Gali-
 lea? O q̄ nisto sinto he, q̄ como Christo S. N. era na-
 tural de Galilea, estando lá no Ceo, não faz caso de
 seus Apostolos como amigos, senão como patricios,
 & perualece o affecto natural da patria, cõtra todos
 os mais titulos honorificos; & se isto fez o Principe
 dos Sanctos, q̄ farão os Sanctos seus vassallos, donde
 creiõ q̄ no Ceo estaõ intercedendo por nós, hũ S. An-
 tonio de Lisboa, S. Engracia, hũ S. Gonçalo de Ama-
 rante, & hũ S. Damaso, os quaes todos cõ os demais
 da Igreja, inuoca este Conuẽto todos os dias cõ hũa
 Ladainha, q̄ cãta ha muitos mezes, atẽ q̄ os successos
 da nossa guerra tenham o bom fim q̄ esperamos, fa-
 zendo delles baluartes de nosso Reyno, para que
 seja dẽfendido, *cum propugnaculis.*

Demais de todos estes temos outro baluarte refor-
 çado, q̄ se não he natural deste Reyno na vida, o he
 na morte, he este o insigne, & glorioso Martyr S. Vi-
 cente, q̄ na Capella maior da sancta Sè desta Cidade
 descansa em honorifica sepultura, cõ q̄ o obrigamos
 a q̄ nos favoreça, q̄ as honras da sepultura saõ empe-
 nhos do sepultado, & os despetão a favorecer, &
 defender aos q̄ autorizão seus sepulchros; o q̄ se dei-
 xa ver naquella acção de Christo S. N. quando em fa-
 vor da Magdalena saca a cãpo contra seus proprios
 Discipulos, dizendo: *Quid molesti estis huic mulieri?*
 Pregunto, quẽ fez a Christo ser tam grande defensor
 da Magdalena, & por se contra os seus? Diruo o
 arazão, era isto em occasião q̄ a Magdalena vngio a
 Christo cõ preciosos vnguẽtos, estes tres eraõ huns
 preambulos das honras, q̄ auia de fazer a sua sepul-
 tura: *Sinite eam vt seruet illud in diem sepulturae meae. Ioan. 22*

Se

Se bẽ preambolizou, melhor o executou, quando fez assistẽcia no sepulchro, quando foi a elle cõ vnguentos, & quando se offrecia a trazer seu corpo sobre sua cabeça se o achasse; pois como o Senhor vio q̃ tanto tratava de hõrar sua sepultura, tratou, q̃ não fosse molestada: *Quid molesti estis huic mulieri*: tal o glorioso S. Vicẽte, vè q̃ seu sepulchro està na Cathedral desta nossa Lisboa, cabeça do Reyno, pois Reyno q̃ tẽ em tanta estimação meu sepulchro, q̃ o poẽ sobre sua cabeça, querome fazer defensor de suas molestias, *quid molesti estis*, a este Reyno (diz elle là do Ceo) *quid molesti estis*, ó inimigos, *quid molesti estis*, ó Castelhanos? ó Olandezes? ó Turcos? *quid molesti estis*, para q̃ molestais o Reyno de quem eu sou defensor, & baluarte com os demais, *Cum propugnaculis*.

Mille clipei.

Demais destes baluartes, q̃ exercitaõ seus poderes do Ceo, temos milhares de escudos ca na terra, q̃ saõ os peitos valerosos, & alentados animos dos Portugueses leais na paz, & officiais na guerra, como saõ os Cabos, Tenẽtes, Capitaẽs, Alferes, & mais ministros, os quaes todos se bẽ souberẽ defender o Reino, não sò o fatãõ ser Reyno, mas ser hũ Paraizo, oq̃ declaro cõ aquillo, q̃ passou nas cruces do Caluario. Pede o bõ Ladrão hũa lembrança a Christo em seu seu Reyno; responde Christo a este memorial, q̃ lhe darà o lugar no Paraizo: *Me cum eris in Paradiso*. Pergunto agora, q̃ Reyno he este, & que Paraizo, o Ladrão diz, *in Regnũ*, Christo diz, *in Paradiso*, entendamos nos, he isto hũa sò cousa, ou saõ duas distintas? Foi esta duuida tal, q̃ nella se espãlharaõ os Dourores sagrados em pareceres, indo hũs por hũa parte,

ourros

outros por outras; ora deixēme dizer agora o q̄ fin-
to: aquelle bõ Ladrão era hũ soldado, q̄ cõ animo
brioço defendia seu Rey das blasfemias cõ q̄ seu ini-
migo o tratava: pois soldado, que sabe defender seu
Rey, faça do Reyno Paraíso, *in Regnum, in Paradiso*,
tam lustroso he saber hum animo defender seu
Rey, que faz do Reyno hum Paraíso.

Porē m quizera eu, q̄ ouuera na guarda deste Pa-
raíso duas perficções, he a primeira a uniaõ de ani-
mos; o q̄ declaro cõ aquelle Cherubim, q̄ Deos pos
em guarda do Paraíso: *Collocavit Cherubim, & flammē gladium Gene. 3.*
gladium, aonde noto q̄ este nome Cherubim he plu-
rar, q̄ quer dizer muitos Cherubins, porq̄ o singular
he Cherub, como se pôde ver no Padre Oleastro e-
ruditissimo Hebraizante; digo pois se aquelle nome
Cherubim he plural, como se nomea a espada em
singular: o q̄ aqui julgo he, q̄ aquelles Cherubins erão
hũs spiritus muito unidos entre si; & aõde ha uniaõ
hũa espada basta, *Cherubim, & flammē gladiū*. Mais,
senhores fidalgos, q̄ sois os Cherubins, q̄ guardais o
Reyno, se fordes desunidos, se ouuer entre vós dis-
cēções, caprichos, parcialidades, desafios, tereis traba-
lho, & darnosheis trabalho; porē se fordes unidos pa-
ra nos defender, hũa só espada basta, *Cherubim, &*
flammē gladiū. A segūda perfeicção he ter valor, & ef-
forço; o q̄ se deixa ver naquella cõparaçãõ q̄ Christo
fez dos dous valētes: *Dū fortis armatus custodit atriū suum in pace sunt ea que possidet, si autem fortior eo*
superueniens vicerit cum uniuersa arma eius auferet;
aonde noto, q̄ o armado para q̄ guarde o posto, nin-
guẽ o acomete em quanto o guarda; porē se o auãçar
outro mais forte ha o de render, & este outro mais
forte não he armado, *fortior eo; zõbai das armas do*
inimigo.

inimigo, por mais q̄ tenham muitas, q̄ vós os vécereis
se fordes mais fortes, *fortior eo*; tendo pois estas duas
perfeições a vniãõ, & valor, fareis vosso Reyno hum
Paraiso, *in Regnum, in Paradiso*, & este cercado cõ os
fortes escudos dos vossos peitos, como aqui aduer-
tio Cornelio à Lapide: *Tanti roboris est virtus tua, ut
arcem munit hostibus profligatis.*

Pendent.

Graue doutrina nos dà tambẽ hũa palavra do nos-
so Thema q̄ ensina a estes escudos, q̄ sejaõ depēden-
tes, do Rey, do Cõselho, da Iustiça, & razaõ; & aõde
esta dependencia falta, tudo faltará, & fará o inimigo
suas entradas; digao Iudas: *Post buclam introiuit in
eum Satanas.* Que tem q̄ fazer hũa fatia de paõ para
franquear a entrada de Satanas em Iudas, q̄ tãto que
lha vio aceitar, logo abriu nelle brecha, & auançãdo
se meteo de posse. Qual seria o motiuo deste atreui-
mento; quem deu tanto orgulho a Satanas? Respõde
aqui Theodoro argutamente, & diz que aquella
fatia de paõ era o sinal, que Christo tinha dado a Ioaõ
de como Iudas ja não era dependente de seu Mestre,
Ioaõ. 13. Cui ego iunctum panem porrexero. Isto ouuio Sata-
nas, & soube como ja Iudas estaua às ordens dos Ju-
deos, & que ja o tinhaõ prouido em hũa Capitania
Act. 10. comprehenderunt IESVM. Pois como ouuio, q̄ ja Iu-
das não dependia de seu Mestre; fez nelle entrada,
introiuit in eum Satanas. Tam perjudicial he a falta
da dependencia; pello que sabe ser dependentes,
senhores Ministros, ou da paz, ou da guerra, & farse-
ha grande estimaçãõ de vò; senão vede o q̄ acõteceo
a Josue cõ a Lua. Queria dar batalha, faltaualhe a luz
do

9
do dia, começa de clamar ao Sol: *Sol contra Gabaon* Iosue.
ne mouearis, & Luna contra valē Ailon. Aqui pergūto, 10.
que necessidade tinha Iosue da Lua quando tinha o
Sol, não necessita de luar quem tem luz clara do dia:
ora notai o segredo q̄ aqui nos descobre Abulense,
he a Lua o Planeta q̄ mais depende do Sol, que ne-
nhū em suas conjunções, enchentes, & minguentes,
pois tanta estimação se faça da Lua por dependente;
como do Sol por luzente; sejaõ pois os Ministros fi-
delissimos, se querẽ q̄ delles se faça estimação depẽ-
dentes de sua real torre, *clipei pendent ex ea.*

Remato o Sermaõ cõ dizer, q̄ o supremo escudo
q̄ temos para nos defender, saõ as nossas Quinas reais
Represẽtadoras das sagradas Chagas de nosso Chri-
sto IESV, q̄ sempre aonde apparecẽraõ foraõ v̄ce-
doras, & triũphantes; o q̄ prouo cõ aquelle soldado 10ã. 22c
q̄ abrio cõ a lança o peito de Christo: *Vnus militum*
lancea latus eius aperuit; & logo o sangue que correo
pella lança o cõuerteo de modo q̄ se fez Christaõ, &
foi Sancto, q̄ anda nos Martyrologios cõ titulo de S.
Longuinhos, segundo certificaõ grauissimos Auto-
res. Agora pergūto, se este soldado se rendeo a Chri-
sto por lhe abrir o peito; porque se não conuertẽraõ
os que lhe abriãõ as mãs, sendo assi que todos eraõ
soldados pagos, & o sangue tinha a mesma efficacia,
& valor infinito? Ora ouui a razaõ em favor nosso:
Aquelle chaga do lado era a quinta chaga, aperfei-
çoaua o numero de quinas as q̄ antes nam eraõ mais
que chagas; pois como foraõ quinas, foraõ v̄cedo-
ras, & foi este soldado primicias de quãtos se aniaõ
de render às sagradas Quinas, donde hū douto Poeta
lhe cantou assi: *Signa Redemptoris claros dant alta triũ* In qui-
phos; o que bem se vio executado nas nossas Quinas dã Epi-
Reais gram.

Reais, representadoras destas sagradas Chagas, q̄ começaram na tomada da nossa Lisboa por el Rey D. Afonso Henriques, que como nossos estandartes apparecêrao nas torres da Sê de Lisboa com ellas debuxadas, logo seruirão de terror aos Mouros, & de alento aos Christãos. Pois nos encontros cõ Castella quantas vezes suas bandeiras se renderão, & se enrolãrao a nossos pendões onde resplãdeciao as sagradas Quinas; quantas vezes as lanças Castelhanas forão quebradas pellas mãos Portuguezas; quantas vezes os Castelhanos nos virãrao as costas? Digaõno as Historias, que isto estaõ gritando, & os Poetas q̄ isto estaõ cantando, *claros dant altatriumphos*. De mais disto atraueßãrao as sagradas Quinas o mar Mediterraneo, & como as vio a Cidade de Ceita, se lhe rendeo, & as poz sobre suas ameas, & muralhas, sendo Rey D. Ioaõ o I. daqui entrãrao pello Certaõ de Africa, fogeitando a si muitos lugares delle, como forão Saphim, Azamor, & outros muitos lugares, & forças, sendo Rey D. Afonso V. por cuja causa lhe chamãrao o Africano. Nam parãrao as Quinas Reais na terra, senão tratãrao de ser brilhantes no mar, como se vio nas Ilhas de nosso Cceano Atlantico, & outras Costas, que se lhe fogeitãrao, tendo a direcção desta empreza o Serenissimo Infante D. Henrique; *claros dant alta triumphos*. Auante passou o resplendor das nossas Quinas, que tremolando sobre os mastareos de nossas Capitainas, rodeãrao as duas grandes Costas de Ethiopia; & aportando na India, fundãrao no Oriente o grande Imperio, que hoje logrão, reynando el Rey D. Manoel; daqui voltãrao para America, descubriendo, conquistando, & rēdendo a grande Costa do nosso Brazil; seruirão de terror,

Luzia-
das. Cõ-
destabl.

ror, & admiração a toda aquella Gentilidade, acabada de conquistar por el Rey D. Ioaõ o III. agora em nossos tempos se acabará de aruorar os estandartes em que ellas apparecêraõ pellas vastas regioens do Maranhão, & graõ Parã, aonde contarei o q̄ ouui referir a hũ soldado q̄ se achou no descobrimento do Rio das Amazonas. Não tinhamos alli (diz elle) nenhũa das nossas bãdeitas para leuãtar, & logo hũ de nós debuxou as nossas Quinas em hũa folha de papel, & as pegou cõ rezina no tronco de hũa aruore, q̄ feruio de marco para nos alêtar a nõs, & de marcar aquillo q̄ ja era nosso, *claros dant alta triumphos*; pelo q̄ vos direi o q̄ Deos disse a Iosue, quando ouue de conquistar a Cidade de Hai, para lhe mostrar, q̄ auia de cõseguir a victoria, lhe diz: *Leua clipeũ qui in manu tua* Iosue 8. *est.* Aõde eu pregũto, porq̄ lhe não disse q̄ lhe leuãtasse a lança, ou estandarte, ou qualquer outro sinal? q̄ misterio terá este escudo? ah que o ser este escudo de Iosue me representa o sagrado escudo de IESV, que vem a fer o mesmo que de suas Chagas, & de nossas Quinas. Pois valerosa soldadesca Portuguesa; leuantai o escudo aonde estaõ sinaes do nosso Redemptor, *signa Redemptoris*, que esses vos farã victoriosos, & triumphantes, *claros dant alta triumphos*. Abaixo disto temos o escudo da Virgem sanctissima Senhora nossa, como lhe cantamos: *Virgo sola digna dici, contra tela inimiei clipeum pone salutis*; debaixo deste escudo nos vimos aqui a recolher, pois estamos ja em posse de victorias, como manifesta este grande Templo, leuantado em tropheo dellas pello senhor Condestable Dom Nuno Alures Pereira, que por isso esta sua sancta imagem

imagem, primeiro do vencimento, que do Car-
mo, para que com tam felices pronosticos, por seu
meio alcancemos a desejada paz, & justa de-
fensaõ, as gloriosas victorias juntamen-
te, com a graça nesta vida, & na
outra a gloria.

Amen.

LAVS DEO.

